

A subordinação na fala espontânea do inglês americano: um estudo das orações completivas

Subordination in spontaneous spoken American English: a study on complement clauses

Alessandra Emanuelle Macieira SILVA (UFMG)
alessandraems@gmail.com

Giulia BOSSAGLIA (UFMG)
giulia.bossaglia@gmail.com

Recebido em: 23 de jan. de 2019.
Aceito em: 25 de jun. de 2019.

SILVA, Alessandra Emanuelle Macieira; BOSSAGLIA, Giulia. A subordinação na fala espontânea do inglês americano: um estudo das orações completivas. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 13-37, set-dez/2019.

Resumo: Neste artigo, apresenta-se uma análise das orações completivas na fala do inglês americano, tendo como base teórica a *Language into Act Theory* (L-Act, CRESTI, 2000). A partir dessa teoria, a subordinação completiva é analisada em sua interface com a articulação informacional, levando em conta a organização pragmática da sintaxe da fala. Após efetuar o mapeamento das orações completivas explícitas no *minicorpus* de inglês americano extraído do *Santa Barbara Corpus of Spoken American English* (CAVALCANTE; RAMOS, 2016) e dos padrões informacionais associados a estas estruturas sintáticas, compararam-se os resultados com dados já levantados para o italiano e português brasileiro, nos respectivos *minicorpora* extraídos do C-ORAL-ROM (CRESTI; MONEGLIA, 2005) e C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012).

Palavras-chave: Fala espontânea. Orações completivas. Inglês americano.

Abstract: In this paper, complement clauses in spoken American English are analyzed based on the *Language into Act Theory* (L-AcT, CRESTI, 2000). According to this theory, complement clauses will be examined at the interface with information structure, considering the pragmatic orientation of syntax in speech. Explicit complement clauses were mapped within the American English *minicorpus*, extracted from the *Santa Barbara Corpus of Spoken American English* (CAVALCANTE; RAMOS, 2016), and the informational patterns associated to these syntactic constructions were studied, in order to compare the results to already available data for complement clauses in Italian and Brazilian Portuguese, based on two comparable *minicorpora* extracted from the C-ORAL-ROM (CRESTI; MONEGLIA, 2005) and C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012) corpora.

Keywords: Spontaneous speech. Complement clauses. American English.

Introdução

Fundamentação teórica: Language into Act Theory

Este trabalho descreve e analisa a realização das orações completivas na fala espontânea do inglês americano (doravante, IA), com foco na interface entre sintaxe e estrutura informacional, com base na *Language into Act Theory* (L-AcT; CRESTI, 2000; MONEGLIA; RASO, 2014). Esta é uma teoria indutiva, caracterizada por uma extensa verificação empírica com base nos *corpora* de fala espontânea¹ compilados pelo LABLITA – *Laboratorio di Linguistica del Dipartimento di Italianistica dell'Università di Firenze* (MONEGLIA, 2005), e é orientada para uma análise pragmática e prosódica da fala. A partir de critérios prosódicos, a L-AcT individualiza a unidade de referência da fala no enunciado, concebido como uma unidade pragmaticamente e prosodicamente autônoma, isto é, um ato de fala, e não em uma unidade de natureza sintática, como a oração. De fato, a L-AcT é uma extensão da Teoria dos Atos de Fala de Austin (1962) e estabelece que o enunciado corresponde a um ato locutivo (material linguístico transmitido) que carrega uma força ilocucionária (ação realizada por meio do ato locutivo). A prosódia, segundo a L-AcT, é o critério principal para a análise da diamesia falada, visto que veicula a autonomia pragmática do enunciado e permite ao falante distinguir e realizar diferentes ilocuições (confirmação, pergunta, dentre outras (MONEGLIA; RASO, 2014)). Logo, o que define a segmentação do enunciado é seu perfil prosódico, e não seu preenchimento morfossintático:

¹ Entende-se por fala espontânea a fala planejada ao mesmo tempo em que é executada (RASO, 2012).

- (1) **KIR: so they were out in the west suburbs / and / <incubated there> // (apubmn01, 180-182)*²
**LOR: nts // <hum> //*
 ‘*KIR: então eles [os ovos de pinguim] estavam fora nos subúrbios do oeste / e / incubados lá //
**LOR: nts / hum //*
- (2) **KIR: if they had them / (apubmn01, 83)*
 ‘*KIR: se eles tivessem /’

A partir dos perfis prosódicos dos enunciados em (1), é possível perceber que são interpretáveis como atos de fala completos do ponto de vista pragmático: o clique *nts*, que veicula uma manifestação de incômodo, e uma afirmação (*hum*). A autonomia, portanto, independe do conteúdo semântico e sintático do enunciado: as duas ilocuções não são unidades sintaticamente completas e, ainda assim, são interpretáveis como atos de fala. Em (2), o exemplo não pode ser interpretado como enunciado, não porque se trata de uma prótase, ou seja, de uma estrutura sintática não autônoma, mas porque seu perfil prosódico não é conclusivo, de modo que se espera algo a seguir. Assim, notamos que a autonomia sintática não implica necessariamente autonomia pragmática, e, vice-versa, a falta de autonomia sintática não implica falta de autonomia pragmática, como se pode perceber escutando (3), no qual se reporta o enunciado completo ao qual pertence a prótase em (2):

² As abreviaturas precedidas por asterisco são utilizadas para indicar os falantes, de acordo com os critérios utilizados na compilação dos *corpora* e *minicorpora* da família C-ORAL. Os exemplos de enunciados retirados dos *minicorpora* aqui utilizados seguem critérios de transcrição adotados na construção dos *corpora* da família C-ORAL. As abreviaturas *a*, *b* e *i* indicam o inglês americano, o português brasileiro e o italiano, respectivamente. Os contextos são indicados por *fam* (familiar/privado) e *pub* (público), e as tipologias interacionais por *cv* (conversação), *mn* (monólogos) e *dl* (diálogos), seguidos pelo número do texto. Depois dessa abreviatura, há o número dos enunciados correspondentes. A barra simples entre colchetes seguida de número marca o *retracting*, que ocorre quando o falante reformula seu conteúdo locutivo. O número indica a quantidade de palavras canceladas: neste exemplo, uma palavra. De acordo com os critérios de transcrição do *corpus*, *hhh* indica som paralinguístico, *<>* palavras pronunciadas em sobreposição com outros falantes, e *nts* um clique (neste caso indica manifestação de incômodo). As *tags* SCA (escansão) e INT (introdutor locutivo) estão explicadas no Quadro 1. Para maiores detalhes sobre critérios de transcrição, veja Raso e Mello (2012). Devido à relevância da prosódia, são disponibilizados os áudios correspondentes a todos os enunciados presentes no artigo, que podem ser acessados pelo link: <<https://www.dropbox.com/sh/mp6kz7i4xt394x2/AABxVb8iQCECs7-BlxohbYVa?dl=0>>. Os exemplos do português brasileiro foram retirados do *minicorpus* do C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012; PANUNZI; MITTMANN, 2014) e do inglês americano do *minicorpus* (CAVALCANTE; RAMOS, 2016), extraído do *Santa Barbara Corpus of Spoken American English* (Du Bois et al. 2000-2005).

- (3) [funcionária de um aquário relata a dificuldade em adquirir ovos de pinguins, pois os parques aquáticos não têm suficientes]

*KIR: if they had them /=TOP= they would gladly /=COM= (apubmn01, 83)

‘*KIR: se eles [i.e. os parques aquáticos] tivessem / compartilhariam de bom grado //’

A prosódia segmenta o fluxo da fala em enunciados, mas também em unidades menores. Quebras prosódicas percebidas como conclusivas (“//” na transcrição) marcam as fronteiras entre enunciados diferentes, quebras percebidas como não conclusivas (“/”) sinalizam unidades tonais dentro do mesmo enunciado. Assim, enunciados são *simples* quando são formados por apenas uma unidade tonal, como (3), e *complexos* quando mais unidades tonais podem ser segmentadas dentro deles, como a ilocução *nts* em (1).

De acordo com a L-AcT, “as diferentes unidades tonais, em princípio, veiculam diferentes unidades informacionais” (RASO, 2012, p. 105). Cada unidade tonal que é segmentada pode carregar determinado valor informacional veiculado em unidades com determinados perfis prosódicos, funções e distribuições próprias dentro do enunciado: as unidades informacionais (UIs).³ Do ponto de vista informacional, os enunciados simples são formados apenas por uma UI, sendo esta necessariamente a unidade de Comentário (COM), a unidade fundamental da fala e que carrega o núcleo prosódico da força ilocucionária que confere autonomia pragmática ao enunciado. Já os enunciados complexos são formados pela unidade de COM e uma ou mais unidades, em padrões informacionais diversos: em (3), por exemplo, o padrão Tópico-Comentário. Neste, o perfil prosódico de Tópico (TOP) da primeira unidade tonal (*if they had them*) tem função de estabelecer o âmbito da aplicação da ilocução do COM, fornecendo informação de *background* por meio de uma relação de *aboutness* pragmática que existe entre TOP e COM (MONEGLIA; RASO, 2014).

³ As unidades informacionais (UIs) dividem-se em (i) *textuais*, que compõem o texto do enunciado – ou são dirigidas à interpretação dele; e (ii) *dialógicas*, que não compõem o texto do enunciado e são dirigidas ao interlocutor, a fim de regular a interação discursiva – correspondem ao que se conhece, dentro de outras tradições, por marcadores discursivos. Neste estudo, apenas as unidades textuais foram consideradas, visto que as dialógicas não compõem o conteúdo morfossintático do enunciado.

Segue abaixo um quadro que apresenta as unidades informacionais textuais de acordo com a L-AcT:⁴

Quadro 1 - Unidades informacionais segundo a L-AcT

Unidades textuais	Tag	Nome	Função
	COM	Comentário	Veicula a força ilocucionária do enunciado.
	TOP	Tópico	Define o domínio de aplicação da força ilocucionária veiculada pelo COM.
	APC / APT	Apêndice de COM e Apêndice de TOP	Integra de forma textual a unidade a que se refere.
	PAR	Parentético	Fornece instruções sobre como o enunciado ou parte dele deve ser interpretado.
	INT	Introdutor locutivo	Sinaliza que o que segue tem nível hierárquico diferente daquele da enunciação; geralmente, introduz discurso reportado.
	CMM	Comentários múltiplos	Série de Comentários que formam um padrão melódico que é interpretado holisticamente, e no qual os CMMs mantêm entre si relações semânticas de vários tipos (temporal, causal, alternativa etc.).
	COB	Comentários ligados	Série de Comentários, não padronizados melodicamente, mas ligados entre si por um sinal prosódico de continuidade. Formam as <i>stanzas</i> (um tipo particular de sequência terminada).

Fonte: Adaptado de Moneglia e Raso (2014, p. 490–491).

A sintaxe na fala espontânea: Language into Act-Theory (L-AcT)

A perspectiva adotada pela L-AcT assume que cada unidade informacional de um enunciado realiza uma função pragmático-comunicativa. A princípio, a relação entre as unidades é de natureza apenas informacional, e veiculada por específicos perfis prosódicos (CRESTI, 2014, p. 366). As relações sintáticas, por sua vez, “não são necessárias e são sempre subordinadas às relações funcionais” (RASO, 2012, p. 121; CRESTI, 2014). Desse modo, a relação de *aboutness* pragmática que existe entre TOP e COM é perfeitamente interpretável, ainda que não seja detectável uma relação sintática clara entre os conteúdos das duas UIs:

⁴ Para fins desta pesquisa, foram apresentadas apenas algumas unidades informacionais. Além das unidades textuais, há as unidades dialógicas: INP (Incipitário), CNT (Conativo), PHA (*Phatic*, Fático), ALL (Alocutivo), EXP (Expressivo), DCT (Conector Discursivo). Há também as unidades sem valor informacional: SCA (Escansão), i-[TAG] (unidade interrompida), EMP (*Empty*, unidade vazia), TMT (*Time taking*, tomada de tempo), UNC (*Unclassifiable*, sem classificação). Para maiores detalhes, veja: Moneglia e Raso (2014).

(4) [conversa sobre vagas ofertadas por departamento]

*LUZ: ahn /=PHA= <nũ entendi então não> /=COM=

*LAU: <uma> /=TOP= <é Arte e Tecnologia> da Imagem
/=COM=

*LUZ: <repete /=COM= por favor> /=CNT= sei /=COM=

*LAU: departamento /=TOP= Artes Plásticas /=COM=
(bfamdlo3, 144-148)

No padrão TOP/COM presente em (4), não há nenhum índice lexical que veicule uma relação de natureza sintática entre o conteúdo locutivo das UIs envolvidas, pois se trata de simples justaposição entre SNs. Mesmo assim, por meio do específico perfil prosódico das UIs combinadas, é possível interpretar a relação entre TOP e COM como de *aboutness* pragmática: *departamento* fornece informação de *background* para a ilocução veiculada por *Artes Plásticas*. Em outros termos, não é necessário que *LAU diga “no que diz respeito ao *departamento*, é aquele de *Artes Plásticas*”, pois as relações entre as UIs já são veiculadas através do perfil prosódico que caracteriza o padrão TOP/COM.

18

De acordo com a L-AcT, as relações de ordem sintática e semântica são analisáveis apenas localmente, dentro de cada UI. Cresti (2014) assume que a sintaxe do enunciado “não corresponde a uma configuração hierárquica unitária, mas à combinação de cláusulas, frases ou fragmentos sintáticos locais” (CRESTI, 2014, p. 368, tradução nossa).⁵ Em vista disso, as UIs são consideradas *ilhas* sintático-semânticas, e a sintaxe na fala é analisada como combinação destas *ilhas* dentro do contínuo da fala. As relações entre as ilhas não seriam propriamente sintáticas, e sim, de tipo pragmático-informacional. Logo, são distinguidas estruturas sintáticas *linearizadas*, realizadas dentro da mesma UI e, portanto, analisáveis como mantendo relações sintáticas verdadeiras; e construções *padronizadas*, em que as estruturas de subordinação e coordenação são realizadas ao longo de mais de uma UI, dentro de padrões informacionais:

(5) [funcionária de um parque aquático relata a dificuldade em adquirir ovos de pinguins]

⁵ “does not correspond to a unitary hierarchical configuration, but to the combination of local syntactic clauses, phrases, or fragments” (CRESTI, 2014, p. 368).

*KIR: but /=AUX= they didn't feel that they had enough eggs /=COM=⁶ (apubmn01, 86)

'*KIR: mas / eles [os outros parques aquáticos] não acham que têm ovos suficientes //'

(6)[homem relata sua entrada na Academia da Marinha mercante]

*TOC: well /=AUX= it turned out /=TOP= after the last dog was hung /=PAR= that [/1]=EMP= that the highest casualties in the war /=TOP= were the merchant <service /=SCA= per capita /=COM= right> //AUX= (afamcv03, 151)

'*TOC: bem / resultou / depois que o último cachorro foi enforcado⁷ / que as maiores vítimas da guerra / eram da [marinha] comercial / per capita / certo //'

Desse modo, podem-se observar duas diferentes configurações prosódico-informacionais para o mesmo tipo de estrutura sintática. Em (5), as orações *they didn't feel* e *that they had enough eggs* são linearizadas dentro da mesma unidade e, não havendo um padrão informacional, são analisadas como principal e subordinada verdadeiras. Em (6), a configuração padronizada mostra a estrutura de subordinação realizada ao longo de várias ilhas: duas UIs de TOP, mais um COM (com inserção de uma unidade de PAR (Parentético), que não participa do padrão informacional de principal e completiva). Neste, a estrutura principal-complementizador-subordinada está completa, e é realizada através da construção chamada "Tema em Tópico" (CRESTI, 2014, p. 389): nela, o núcleo da regência sintática (oração matriz, *it turned out*) está no primeiro Tópico; num segundo Tópico é realizada uma parte do conteúdo da completiva (complementizador *that*, mais *the highest casualties in the war*), de modo que o SN da completiva no segundo TOP é focalizado (prosodicamente) como Tema, e no Comentário se encontra o predicado da completiva (*were the merchant service per capita*). O segundo TOP providencia informação de *background* (Tema) para o predicado dependente no Comentário, que é "principal" de um ponto

⁶ A tag AUX indica, de maneira geral, uma unidade dialógica (auxiliar discursivo).

⁷ "The last dog was hung" é uma expressão idiomática que significa resistir até o fim. No exemplo, está indicando o fim da guerra (até à última vítima).

de vista pragmático, pois carrega a ilocução.⁸ A organização em padrões informacionais distintos confere valores informacionais distintos às diferentes partes da estrutura sintática em questão (cf. Padrões Informacionais). É claro, portanto, que, na análise da sintaxe da fala, é imprescindível estudar como as construções são “empacotadas” em padrões informacionais específicos, associados a específicas funções comunicativas (como, por exemplo, a focalização realizada por meio da construção Tema em Tópico).

As orações completivas no inglês falado

A escolha das orações completivas como objeto de estudo da sintaxe na fala espontânea do inglês americano visa ampliar o espectro de estudo destas estruturas para além das línguas românicas, até o momento as únicas abordadas pelos estudos sobre sintaxe da fala com base em *corpora* da família C-ORAL. Assim, este trabalho é o primeiro estudo sobre subordinação no IA falado a partir do *minicorpus* extraído do *Santa Barbara Corpus of Spoken American English* (SBCSAE; DU BOIS *et al.*, 2000–2005). As análises já feitas para o português brasileiro (doravante, PB); e para o italiano (doravante, IT), por Bossaglia (2014) foram ampliadas e aprofundadas com o presente estudo. Para tanto, utilizou-se o *minicorpus* (CAVALCANTE; RAMOS, 2016) de fala espontânea do inglês americano extraído do SBCSAE e adaptado aos critérios da família C-ORAL.

Metodologia

O minicorpus C-ORAL de inglês americano

O *minicorpus* do IA (CAVALCANTE; RAMOS, 2016) consiste no primeiro recurso linguístico de uma língua não românica produzido dentro do quadro teórico e metodológico da L-Act. Este *minicorpus* foi compilado a partir de uma seleção de gravações que integram o SBCSAE, cujas transcrições foram adaptadas aos critérios utilizados nos *corpora* da família C-ORAL, tanto para a anotação das quebras prosódicas, como para os critérios de transcrição em geral. O *minicorpus* do IA apresenta a mesma arquitetura dos *minicorpora* do IT e do PB, extraídos das seções informais do C-ORAL-ROM italiano e do C-ORAL-BRASIL, respectivamente (PANUNZI; MITTMANN, 2014).

⁸ Sobre a construção “Tema em Tópico”, veja: Bossaglia (2014) e Bossaglia, Mello e Raso (2017; no prelo).

Além disso, os *minicorpora* são representativos dos respectivos *corpora* de referência (com exceção do IA) e seguem os mesmos critérios de anotação, segmentação e etiquetagem informacional. Os *minicorpora* são anotados manualmente tanto para as quebras prosódicas quanto para a etiquetagem informacional, com base nos critérios da L-AcT, e as gravações são, em geral, de boa qualidade acústica.

O *minicorpus* do IA é formado por 20 transcrições (7 monólogos, 8 diálogos e 5 conversações, isto é, interações com mais de dois participantes) para um total de 26.470 palavras (cerca de 1.300 palavras por texto) e 3.452 enunciados, divididos entre contextos familiar/privado (16 textos) e público (4 textos, sendo 1 monólogo e 3 diálogos). Além de possuir alinhamento texto-som feito pelo *software* de análise prosódica WinPitch (MARTIN, 2010), é segmentado em unidades tonais e enunciados, e foi organizado buscando retratar o alto grau de variedade situacional da fala espontânea.

A organização dos arquivos foi feita para que o *minicorpus* do IA fosse balanceado, isto é, possuísse equilíbrio quanto a tipologias interacionais, proporção de palavras e contextos situacionais, assim como os *minicorpora* de IT e PB – apesar da diferença quanto ao número de palavras, são equilibrados quanto ao número de sequências terminadas. O *minicorpus* do IA possui menor número de sequências terminadas, visto que as situações interacionais presentes no SBCSAE são, em geral, menos “acionais”, isto é, restritas apenas a situações em que os falantes não estão engajados em outras ações enquanto falam. Entretanto, a diferença que, de fato, existe entre este *minicorpus* e os outros dois quanto ao número de sequências terminadas não chega a afetar a comparabilidade⁹. A tabela 1 mostra a comparação em relação ao número de palavras e de sequências terminadas (i.e. enunciados e *stanças*):

Tabela 1– Tamanho dos *minicorpora* do IA, IT e PB: sequências terminadas e número de palavras

	IA <i>minicorpus</i>		IT <i>minicorpus</i>		PB <i>minicorpus</i>	
Monólogos						
Palavras	9359	36%	11818	37%	9135	32%
Sequências terminadas	992	29%	1347	24%	994	18%

⁹ Os *minicorpora* do IT e do PB estão disponíveis na plataforma online DB-IPIC – Database of Information Patterning Interlinguistic Comparison, acessível em <<http://www.lablita.it/app/dbipic/>>; o do IA pode ser acessado em <<http://c-oral-brasil.org/>>.

Diálogos						
Palavras	10647	40%	10409	33%	10660	38%
Sequências terminadas	1382	40%	2303	41%	2451	45%
Conversações						
Palavras	6464	24%	9623	30%	8662	30%
Sequências terminadas	1078	31%	1972	35%	2039	37%
Total de palavras	26470		31850		28457	
Total de sequências terminadas	3452		5622		5484	

Fonte: Adaptada de Cavalcante e Ramos (2016, p. 109, 116).

Coleta e tratamento dos dados

O levantamento dos dados das completivas foi feito por meio do *software* de busca textual AntConc (ANTHONY, 2014). Através de uma lista de palavras gerada pela ferramenta, foi feita uma busca pelos complementizadores, resultando estes: *that*, *if* e os pronomes e advérbios interrogativos (*what*, *when*, *who*, *how* e *where*). Além dos complementizadores, foram individualizados verbos que geralmente introduzem orações completivas. Em seguida, foi feita uma segunda consulta tendo como base uma lista de verbos que introduzem as *that-clauses*, retirada de Carter (2006, p. 511). Esta ulterior serviu para assegurar que nenhum dado fosse desconsiderado. As ocorrências de dados não pertinentes em relação ao objetivo desta pesquisa (por exemplo, as ocorrências de *that* pronome demonstrativo ou relativo) foram descartadas. O processo de análise dos dados foi sempre acompanhado pela oitiva dos enunciados levantados.

A organização dos resultados das buscas seguiu estes parâmetros: (1) tipologia de completivas (objetivas, subjetivas e interrogativas indiretas), (2) tipo de configuração (linearizada vs. padronizada), e (3) tipo de padrão informacional.

Resultados

Linearização vs. Padronização

A busca pelas orações completivas no *minicorpus* do IA levantou um total de 197 enunciados, o que corresponde à maior taxa

de enunciados em relação ao total do *minicorpus* (6%) em comparação com o IT (3%) e PB (4%). Dentre as ocorrências, 90% (178 ocorrências) são completivas linearizadas, como em (7), e 10% (19 ocorrências) padronizadas, como em (8):

(7) [um homem conta que tem medo de que seu amigo, com o qual está brigado, o convide para sair]

*LAJ: I'm afraid that he's gonna come right out and ask me // =COM= (afammn04, 37)

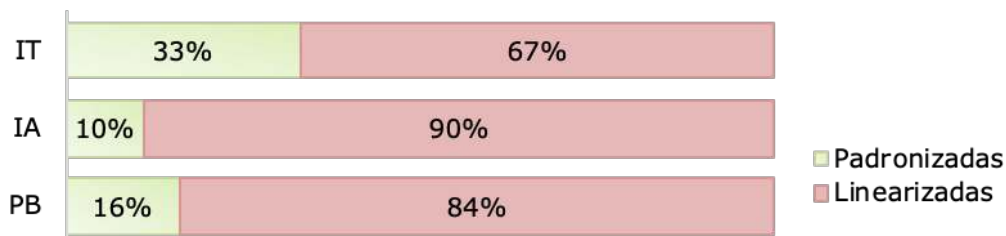
'*LAJ: Eu tenho medo de que ele venha e me convide pra sair //'

(8) *LAJ: you know /=AUX= I knew /=CMM= what I was about // =CMM= (afammn04, 129)

'*LAJ: sabe / eu sabia / o que eu estava prestes a [fazer] //'

A completiva em (7) ocorre com a oração principal *I'm afraid*, o complementizador *that* e a completiva *he's gonna come right out* ocorrem dentro da mesma unidade informacional, o Comentário. Já o exemplo (8) mostra uma padronização, pois a principal *I knew* está em um CMM e o complementizador *what* mais a subordinada *I was about*, em outro CMM. As proporções de linearização no IA são parecidas com aquelas indicadas nos resultados apresentados por Bossaglia (2014) sobre o *minicorpus* do PB (84%, vs. 16% padronizadas) e do IT (67%, vs. 33% padronizadas). Podemos perceber que as completivas ocorrem, em sua maioria, em configuração linearizada, isto é, apresentam a oração subordinada e a principal na mesma unidade informacional, conforme indica o gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Linearização e padronização nas orações completivas do italiano (IT), inglês americano (IA) e português brasileiro (PB)



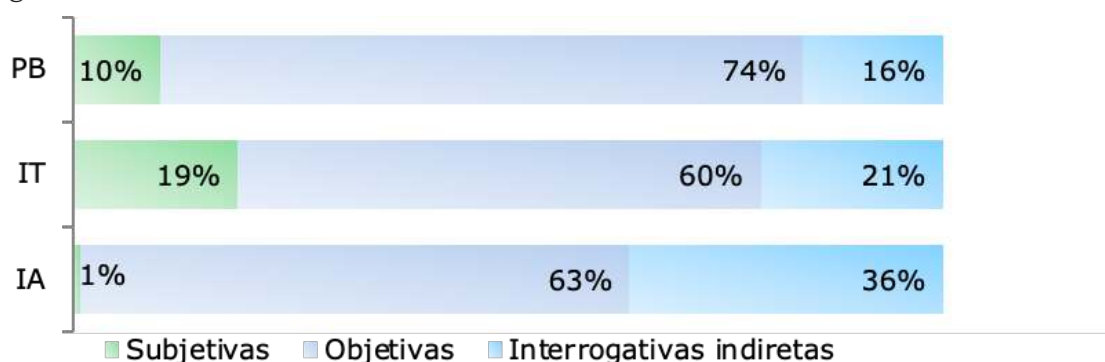
Fonte: Autoria própria.

A escolha pela linearização das orações completivas na fala espontânea é de fato verificada nas três línguas como a mais frequente.

Porém, a distância entre a linearização e padronização é menor no IT e progressivamente maior passando pelo PB e pelo IA. Estes resultados foram validados pelo teste estatístico Qui-quadrado¹⁰, que comprovou que o maior número de linearização nas três línguas é estatisticamente significativo, obtendo-se um valor de $p < 0,05$, o que indica que há uma motivação para que os resultados sejam tão semelhantes, ou seja, não é por “acaso” que nas três línguas a linearização seja mais frequente. Além disso, as orações completivas têm função de argumento e, por isso, tendem a estar mais “integradas” à oração principal e, conseqüentemente, serem realizadas dentro da mesma UI.

Os dados indicaram que, apesar do total de enunciados ser diferente, as frequências dos tipos de completivas também é igual nas três línguas, conforme mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Tipologia de completivas no português brasileiro (PB), italiano (IT) e inglês americano (IA)



Fonte: Autoria própria.

Dentre as ocorrências de padronizadas e linearizadas, os dados indicaram que 63% (125 ocorrências) são de objetivas, 36% de interrogativas indiretas (70 ocorrências) e apenas 1% (2 ocorrências) de subjetivas, sendo estas também muito raras nos dados do IT (19%, 31) e do PB (10%, 20).

Completivas objetivas e subjetivas: complementizador that

Das 126 orações completivas objetivas e subjetivas levantadas (64% do total de completivas), 30 (24%) ocorre com o complementizador *that* explícito, enquanto 96 (76%) não apresentam complementizador.

¹⁰ O Qui-quadrado é um teste estatístico que compara proporções, correlacionando valores encontrados com valores esperados através de um valor de corte ($p = 0,05$), de modo que valores abaixo desse revelam resultados estatisticamente significativos, indicando motivação para o resultado obtido.

A ausência desse índice lexical parece ocorrer mais frequentemente em configurações linearizadas, como em (9), em contraposição às configurações padronizadas que, por serem poucas, não permitem generalizações seguras, como em (10):

(9) [uma mulher reporta qual a função do vendedor]

*JUL: I think the seller is supposed to //COM= (afamdlo4, 06)

‘*JUL: Eu acho [que] o vendedor deveria [fazer isso] //’

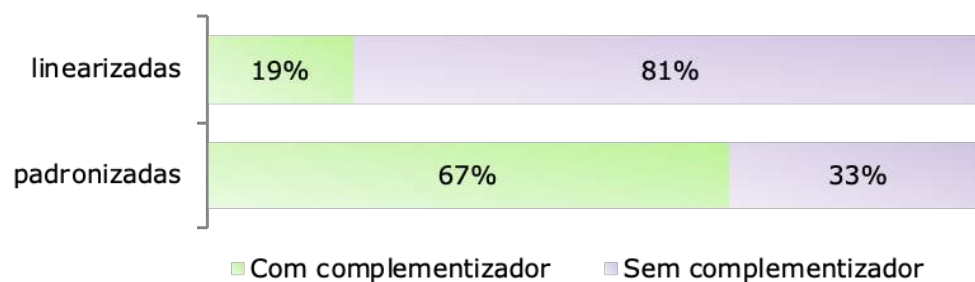
(10) [um homem sobre sua hospedagem no mesmo hotel que os jogadores de *baseball*]

*ALN: I wish I'd /=SCA= been smart enough /=SCA= to know then /=COB=that /=SCA= &he /=TMT= these baseball cards /=TOP= and those autographs /=TOP= would be selling for /=SCA= <three or four>hundred dollars /=COB= but /=AUX=at any rate /=COM= &he //TMT= (afammn02, 21)

‘*ALN: eu gostaria que eu / fosse inteligente o suficiente / para saber então / que / &he / esses cartões de *baseball* / e esses autógrafos / seriam vendidos por / três ou quatrocentos dólares / mas / com qualquer custo / &he //’

Os dados indicam que, dentre as linearizadas, as objetivas e subjetivas ocorrem mais frequentemente sem o complementizador (92) do que com (21). Já nas poucas ocorrências de padronizadas, 9 apresentam o complementizador explícito, enquanto 4 não:

Gráfico 3 – Ocorrências de completivas objetivas e subjetivas e configuração sintática



Fonte: Autoria própria.

Os dados indicaram que, na maioria dos casos, as completivas não apresentam o complementizador. Os dados de padronização, apesar

de indicarem maior ocorrência com complementizador, não apresentam efeitos significativos para a análise, pois correspondem a um número reduzido de ocorrências dentre o total de enunciados encontrados. Ao contrário do PB, no IT, o complementizador pode ser omitido, mas essa estratégia não foi levantada no estudo de Bossaglia (2014).

As interrogativas indiretas

As ocorrências de subordinadas interrogativas indiretas representam 36% (70) do total de completivas, e os pronomes e advérbios interrogativos constituem 25% (49) das completivas, enquanto *that* (64%, 126)¹¹ e *if* (11%, 22)¹², por introduzirem objetivas e subjetivas, somam o maior número nos dados. Assim como no IA, tanto no PB (34 ocorrências) quanto no IT (35 ocorrências), as interrogativas correspondem à segunda maior frequência nos dados. Tal como nestas duas línguas, no IA, *if* introduz, na maioria das ocorrências, interrogativas indiretas, como mostram os exemplos abaixo:

- (11) [um controlador de voo inexperiente recebe instruções sobre suas funções na empresa]

*LAN: well /=AUX= I guess we have no way of knowing
/=COB= if they've come in aieffar /=CMM= and then
cancelled veeeffar // =CMM= (apubdl01, 39)

‘*LAN: bem / eu acho [que] nós não temos como saber / se eles [os aviões] vieram em AFR / e então cancelaram o VFR //’¹³

- (12) [casal conversa sobre o registro legal de cavalos comprados pela mulher]

*JUL: I just need to know if she had one done /=CMM= or
didn't have one done // =CMM= (afamdl04, 14)

‘*JUL: eu só preciso saber se ela teve um [registro] pronto / ou não teve um [registro] pronto //’

¹¹ Os casos de completivas sem *that* foram contabilizados dentro da categoria *that*, pois correspondem a uma possibilidade de que o complementizador fosse utilizado.

¹² Não foi encontrada nenhuma ocorrência de *whether*, provavelmente por ser uma conjunção usada em contexto mais formal, e as situações comunicativas no *minicorpus* serem ambientadas em contextos informais, cujos falantes apresentam algum grau de intimidade.

¹³ As siglas AFR e VFR são utilizadas para aviação e indicam *Air Fuel Ratio* (taxa de combustível de ar) e *Visual Flight Regulations* (regulamento visual de voo).

Em (11), a principal *I guess we have no way of knowing* é realizada no COB e o complementizador *if* e o predicado da completiva *they've come in aieffar* no primeiro CMM, seguida de uma oração coordenada *and then cancelled veeeffar* no segundo CMM. O exemplo (12) se assemelha ao padrão de (11): a principal *I just need to know*, o complementizador *if* e o predicado da completiva *she had one done* estão dentro do primeiro CMM e há, ainda, uma oração coordenada alternativa *or didn't have one done* no segundo CMM, que é subordinada à oração completiva *if she had one done*, no primeiro CMM.

Padrões Informacionais

As 19 ocorrências de completivas padronizadas são encontradas, principalmente, em combinações de CMM (5) e padrões de TOP/COM (6) e COB/COM (2); há apenas ocorrências isoladas de outros padrões informacionais. Os padrões informacionais em que as completivas ocorrem pertencem, em sua maioria, à mesma configuração, mas em variantes mais complexas de TOP/COM e combinações de unidades ilocucionárias, como sintetiza o quadro abaixo:¹⁴

Quadro 2 – Número de ocorrências dos padrões informacionais

Variações de TOP/COM (nº de ocorrências)	TOP/COM (1)				
	TOP/ TOP/ COM (1)	TOP/ TOP/ CMM (1)	TOP/ APT/ COB (1)	TPL/ TOP/ CMM (1)	TOP/ TOP/ COB (1)
Combinações de unidades ilocucionárias (nº de ocorrências)	CMM/CMM (5)				
	COB/COM (2)				
	COM/COM (1)				
	COB/CMM (1)				
	COB/CMM/CMM (1)				
	COB/TOP/COM (1)				
	COB/TOP/COB (1)				

Fonte: Autoria própria.

As completivas que ocorrem em padrões de CMMs têm seus índices lexicais distribuídos entre as unidades de CMMs. No exemplo (13), a seguir, a subordinação ocorre da seguinte forma: a oração principal *I knew all along* em uma unidade de CMM, e o complementizador *where* e a completiva *she got it* em outra unidade de CMM, conforme abaixo:

¹⁴ Além dos padrões indicados na tabela, há ocorrência isolada de TOP/INT.

- (13) [*ROS: I knew all along /=CMM= where she got it //CMM= \(afamcv02, 72\)](#)

‘*ROS: Eu sabia o tempo todo / onde ela [a amiga] pegou isso //’

Aos padrões de CMMs, e em geral de unidades ilocucionárias, acrescenta-se o padrão TOP/COM, que, além de ser o principal padrão informacional da fala (MITTMANN, 2012), nos dados analisados, também é o mais frequente no que diz respeito às completivas, podendo ser encontrado também em variantes textualmente mais complexas (por exemplo, TOP/APT/COB etc.). Nos padrões TOP/COM encontrados nos dados, é possível observar a falta de relação sintática entre as UIs envolvidas, como mostra o exemplo abaixo:

- (14) [proprietário e engenheiro conversam sobre a instalação de um sistema de ar condicionado]

[*LAR: <and then I think my wife> /=TOP= my wife said she would like to have a register put in this room //COM= \(apubdl02, 135\)](#)

‘*LAR: e então eu acho que a minha esposa / minha esposa disse que ela gostaria de ter um registro nessa sala //’

No exemplo, a principal *I think* e uma parte da completiva *my wife* em TOP lembram a construção “Tema em Tópico” observada no exemplo (6) na seção *A sintaxe na fala espontânea: Language into Act-Theory (L-Act)*, mas no caso de (14), sem o complementizador. Contudo, no COM, o SN pleno *my wife* é retomado e utilizado como sujeito de outra oração (*my wife said*) que, por sua vez, introduz uma completiva linearizada (*she would like to have a register put in this room*). Portanto, em (14), não se pode reconhecer uma relação sintática entre o SN em TOP e o predicado em COM, diferentemente do que ocorre em (6)¹⁵. Em casos como (14), confirmar-se-ia a ideia da ausência de relações sintáticas entre as unidades, postulada por Cresti (2014). De todo modo, foram observados padrões em que parece ser possível reconhecer relações sintáticas entre UIs, similarmente a (6):

¹⁵ Sobre a possibilidade de detectar as relações de dependência sintática entre as unidades, cf. seção *Completivas e relações sintáticas: desafios*.

- (15)[uma mulher conta sobre um episódio em que encontrou alguns amigos e seus filhos pequenos, ao estacionar o carro]

*ALA: so it turns out /=TOP= that /=APT= she wouldn't get out of the car with yyy and yyy /=COB= so yyy and yyy followed /=SCA= them over there /=COB= to pick up yyy /=CMM= and take her for a day in the park //CMM=¹⁶
(afammn03, 127)

'*ALA: então resultou / que / ela não sairia do carro com yyy e yyy / então yyy e yyy seguiram / eles lá / para pegar yyy / e levá-la para um dia no parque //'

Em (15), a oração principal *it turns out* está em TOP, o complementizador *that* em APT e a completiva *she wouldn't get out the car with yyy and yyy* em COB. As unidades de Apêndice fornecem a integração textual à unidade de TOP ou COM e não são consideradas *ilhas* sintáticas dentro da L-Act (no exemplo, *that* integra o TOP). Um padrão informacional particularmente complexo é encontrado no exemplo abaixo:

- (16)[um homem conta sobre uma viagem ao México e relata que um taxista o levou para conhecer os pontos turísticos]

*ALN: &he /=TMT= you know /=AUX= I [/1] =EMP= and I [/2] =SCA= I knew /=SCA= then /=TPL= and I know now /=TPL= that those guys /=TOP= take you to a particular place /=CMM= they get a commission //CMM= (afammn02, 63)

'*ALN: &he / sabe / eu sabia / então / e eu sei agora / que esses caras [taxistas] / te levam para um lugar particular / eles recebem uma comissão //'

A Lista de Tópicos (TPL) é uma sequência de unidades de TOP conectadas semântica e sintaticamente e que formam, juntas, uma única unidade de Tópico (CAVALCANTE, 2015). Olhando para (16), observamos duas orações coordenadas principais (*I knew then and I know now*) nas duas unidades de TPL, o complementizador *that* e o SN *those guys* no TOP, e um padrão de CMMs assim preenchido: no primeiro CMM, a oração *take you to a particular place*, no segundo, a oração *they*

¹⁶ As anotações yyy indicam palavras censuradas, ou seja, dados confidenciais (no caso, nomes de pessoas), conforme consta nos critérios de anotação do Capítulo 4 do C-ORAL-BRASIL (RASO; MELLO, 2012, p. 139).

get a commission. Sem ter acesso à informação prosódica, o SN *those guys* em TOP poderia ser interpretado como sujeito do verbo *take* (ainda por cima, sendo o sujeito obrigatório em inglês). Contudo, escutando o enunciado, fica clara a relação anafórica que existe entre tal SN e o pronome lembrete¹⁷ (*they*) no segundo CMM: o TOP onde *those guys* está sendo realizado fornece informação de *background* para o CMM *they get a commission*, não para o CMM *take you to a particular place*.

Em outros termos, *ALN está dizendo “*I knew then and I know now that those guys (they) get a commission*”, e não “*I knew then and I know now that those guys take you to a particular place*”. A oração *take you to a particular place*, realizada no primeiro CMM do padrão, mantém uma relação semântica de natureza temporal/condicional com *they get a commission* na segunda UI: *ALN está dizendo “*(when/if) they take you to a particular place, they get a commission*” e não algo como “*those guys take you a particular place, and they get a commission*”. Assim, reconhecemos uma relação de subordinação adverbial veiculada pela prosódia (o padrão melódico dos CMMs: cf. Quadro 1), mesmo sem um índice lexical específico que expresse essa relação entre as orações nos CMMs.

Resumindo: nos dois TPLs, são realizadas duas orações principais que poderiam ser matriz para a completiva introduzida pelo complementizador *that* no TOP. Entretanto, o SN *those guys* na mesma unidade não mantém uma relação sintática com o segundo CMM, mas apenas anafórica (cf. pronome lembrete) e informacional (TOP fornece informação de *background* para a ilocução). No padrão de CMMs, a relação informacional entre as duas UIs está associada a uma relação semântica adverbial (temporal/condicional) veiculada apenas pela prosódia e não pela presença de um subordinador adverbial específico. Isto mostra a complexidade da sintaxe da fala e a necessidade de se acompanhar qualquer análise das relações entre elementos do conteúdo locutivo com a análise da articulação informacional através do componente prosódico.

Padronização: uma comparação das completivas

Algumas observações próximas à nossa análise, mas sob uma perspectiva diferente, são propostas por Thompson (2002).¹⁸ Nesse

¹⁷ Para uma análise mais detalhada do pronome lembrete, ver Rocha e Raso (2013).

¹⁸ O estudo de Thompson (2002) foi feito a partir do *Santa Barbara Corpus of Spoken American English* (2001), mas sem a anotação informacional do *minicorpus* aqui utilizado. Também não foi possível ter acesso ao áudio do exemplo da autora. De todo modo, algumas comparações podem ser feitas entre os dois resultados.

estudo, a autora observa que a maioria das completivas por ela analisada a partir do SBCSAE (95%) é realizada dentro da mesma unidade prosódica junto com suas orações principais (cf. a noção de linearização, na L-AcT), sem complementizador, e com o verbo principal na 1ª pessoa do singular, funcionando como expressão de modalidade epistêmica:¹⁹

(17) *I think it'll be real interesting*

‘Eu acho [que] será muito interessante’

Na modalidade epistêmica, o falante expressa uma crença/opinião sobre o conteúdo locutivo, utilizando, principalmente, verbos como *think* (138 ocorrências) e *know* (51). Os dados analisados no presente estudo são semelhantes à observação feita pela autora: a maioria das ocorrências é linearizada (89%, 178), introduzida por verbos associados à modalidade epistêmica, como *think* (40%, 53 ocorrências) e *know* (25%, 44), flexionados na 1ª pessoa singular (a pessoa do falante):

(18) **LAR: and I think it's kinda weird /=COM= but /=AUX= (apubdl02, 137)*

‘*LAR: e eu acho [que] isso é um pouco estranho / mas //’

Em (17) e (18), o verbo da principal ocorre com função modalizadora epistêmica, na 1ª pessoa do singular. O restante das ocorrências encontradas por Thompson (2002) também coincide com aquelas encontradas nesse estudo: completiva e principal em unidades prosódicas diferentes (padronização, segundo a L-AcT), com expressões verbais mais complexas:

**(19) J: *we don't bother,
to ask the American people,
or the people of the world,
if w- if if we mi=nd***

‘J: nós não nos importamos,
em perguntar aos americanos,
ou às pessoas do mundo,
se nós somos importantes’

¹⁹ Para maiores detalhes sobre o estudo da modalidade, veja Mello e Raso (2011).

Em (19), a principal *to ask the American people* está em uma unidade prosódica enquanto o complementizador *if* e a completiva *we mind* em outra unidade. Retomando em (20) o exemplo (11) (seção *As interrogativas indiretas*), podemos observar uma organização semelhante:

(20) *LAN: I guess we have no way of knowing /=COB= if they've come in aieffar /=CMM= and then cancelled veeeffar // =CMM= (apubdl01, 39)

‘*LAN: bem / eu acho [que] nós não temos como saber / se eles [os aviões] vieram em AFR / e então cancelaram o VFR //

O exemplo indica que a principal está em COB, o complementizador e a completiva em CMM, e o predicado da completiva em outro CMM. Portanto, em ambos os exemplos, a subordinação ocorre em unidades prosódicas distintas, introduzida por estruturas verbais complexas. Dentre as 54 ocorrências de *think*, todas seguidas pelo complementizador *that*, 47 ocorrem na 1ª pessoa singular. Em relação às completivas introduzidas por *know*, 28 ocorrências são flexionadas na 1ª pessoa do singular. Tal como foi observado por Thompson (2002), as orações completivas ocorrem, em sua maioria, com os verbos *to think* e *to know* em modalidade epistêmica na 1ªSG, distribuídas ao longo das unidades prosódicas em linearização, como (17) e (18), e padronização, em (19) e (20).

Completivas e relações sintáticas: desafios

Durante o desenvolvimento da pesquisa, foram encontradas algumas ocorrências que, de certa forma, desafiam o axioma da L-Act de que as relações sintático-semânticas podem ser analisadas apenas dentro de cada unidade informacional/ilha. Há, também, outros casos em que há dificuldade de reconhecer se há ou não relação sintática. Primeiramente, e como já se apontou, há casos em que parece ser possível reconhecer a existência de relação sintática entre ilhas (UIs) diferentes, e também entre enunciados diferentes, conforme mostra o exemplo a seguir:

(21)[uma estudante explica as diferentes modalidades de uma disciplina do seu curso]

*LYN: well /=AUX= it was a review for some people
/=COB= depend on what time of the year you took it
/=COB= you know //=-COM= if it was a review /=CMM= or
not //=-CMM= (afammn01, 58)

*LYN: 'bom / era uma revisão para algumas pessoas /
dependia da época do ano que você pegava [a disciplina] /
sabe // se era uma revisão / ou não //

No exemplo (21), as orações *depend on what time of the year you took it* e completiva subjetiva *if it was a review or not* estão em enunciados diferentes, mas poderiam ser interpretadas como principal e completiva, respectivamente. Nesse caso, a completiva funciona como *afterthought*,²⁰ isto é, o falante adiciona informação ao ato de fala anterior a fim de completá-lo com uma ideia lembrada posteriormente. Chafe (1984) indica que, geralmente, os *afterthoughts* estão em unidades prosódicas diferentes do ato de fala que completam, relacionando esse fato com limitações de quanta informação o falante consegue encaixar em um único enunciado (PAWLEY; SYDER, 1983; CHAFE, 1984). Porém, não são todos os casos em que a relação sintática é claramente reconhecida, como mostra o exemplo abaixo:

(22)[um homem fala sobre o fato de seu amigo, por quem
era apaixonado, culpá-lo por terem tido um breve
relacionamento]

*LAJ: and he wouldn't speak to me for six months /=COB=
and said it was my fault /=CMM= that he knows he's not
gay //=-CMM= (afammn04, 122)

(*LAJ: e ele não falou comigo por seis meses / e disse que
era minha culpa / que ele sabe que não é gay //

No enunciado em (22), o verbo da oração principal *said* está introduzindo duas orações completivas: uma linearizada sem o complementizador (*and said it was my fault*) em CMM e outra padronizada

²⁰ Para mais informações sobre a noção de *afterthoughts* na subordinação, ver o estudo de Chafe (1984) sobre as orações adverbiais no inglês americano. Pawley e Syder (1983) apresentam esse conceito como *one-clause-at-a-time-hypothesis*, que também é retomado por Chafe (1984) em seu estudo sobre as adverbiais. Para Chafe (1984) o *afterthought* é uma consequência natural de como a fala é produzida, obedecendo a restrições de *one-clause-at-a-time*, isto é, uma oração por vez.

com complementizador ([*and said*] *that he knows he's not gay*), em que a principal ocorre em um CMM e a completiva em outro CMM. Há ainda, uma terceira oração completiva linearizada no segundo CMM, sem o complementizador (*he knows [that] he's not gay*). Em outros casos, a gramaticalização dos elementos também leva a interpretações ambíguas, como abaixo:

(23) [amigos conversam sobre embalagens de vitaminas]

*LEN: <actually> /=TOP= I [/1]=EMP= I [/1]=EMP= I think /=TOP= I &k[/2]=EMP= I was taking about /=SCA= ten of these /=SCA= or &f [/1]=SCA= more a day //COM= (afamcv01, 207)

‘*LEN: na verdade / eu acho / eu estava pegando / dez dessas [embalagens] / ou mais em algum dia //’

Em (23), no padrão TOP/COM podemos reconhecer que *I think* está gramaticalizado como modalizador epistêmico no TOP: apesar de *I think* poder ser considerado oração matriz sem complementizador, fica claro que sua função não é de oração principal, mas uma função informacional e modalizadora. O falante não lembra exatamente a quantidade de embalagens e utiliza elementos lexicais modalizadores (*actually* no TOP e *about* no COM) para indicar esse posicionamento.

Considerações finais

O estudo sobre as completivas do IA falado levou a resultados parecidos com aqueles levantados por Bossaglia (2014) sobre as mesmas estruturas para o IT e PB. Em relação à articulação informacional, a maioria das orações completivas no IA é realizada em configuração linearizada, como em (7), ou seja, dentro da mesma UI com a principal, similarmente ao que foi indicado para o IT e o PB. A padronização é menos frequente nas três línguas; contudo, no IA, a quantidade de padronizadas, como no exemplo (8), é ainda menor²¹.

No que tange aos tipos de completivas, o IA apresentou conformidade com os dados do PB e do IT: a maior frequência é

²¹ Com relação à proporção entre configuração sintática padronizada e linearizada nas três línguas, está em curso de verificação a hipótese de que os padrões rítmicos – que se estendem de tipologia mais acentual a uma mais silábica (IA > PB > IT) – podem estar relacionados com o aumento da taxa de padronização do IA até o IT.

de objetivas, seguidas das interrogativas indiretas e das poucas ocorrências de subjetivas. Contudo, no IA, devido ao fato de ser comum omitir o complementizador, ao contrário do IT e PB, a maioria das objetivas e subjetivas não apresentam este índice lexical (c.f. seção *Completivas objetivas e subjetivas: complementizador that*). Para os complementizadores, a análise do IA indicou semelhança entre as línguas: o principal é *that* (*che/que* para o IT e PB, respectivamente), e o que menos ocorre no IA é *if* e em IT e PB são os pronomes e advérbios interrogativos.

Em relação aos padrões informacionais, nas três línguas, as completivas são realizadas, principalmente, em padrões de TOP/COM, em que ou algum elemento da completiva é focalizado (construção Tema em Tópico), ou a oração principal no TOP tem função modalizadora (epistêmica). Nas combinações de unidades ilocucionárias, ocorrem como uma construção mais desenvolvida e também em padrões menos comuns, entre enunciados, em que a completiva e a principal estão em outro nível hierárquico (cf. Quadro 2). Nos padrões de TOP/COM e CMMs, a hierarquia sintática é convertida em um plano pragmático. Contudo, nas combinações de CMMs, as orações principal e completiva ficam em um mesmo nível ilocucionário. Porém, é importante salientar que a integração sintática não é sempre reconhecida facilmente, de modo que, na padronização, parece haver perda de relação entre as UIs. As completivas realizadas ao longo de enunciados diferentes, como em (21), ressaltaram uma padronização ainda maior e, apesar dessa configuração, foi possível reconhecer relações sintáticas veiculadas prosodicamente. Todavia, foram indicados casos como (14), em que, certamente, não era possível reconhecer dependência sintática entre as orações.

O estudo das orações completivas do IA falado contribui para salientar que, nas construções padronizadas, o reconhecimento de construções sintáticas “canônicas” é desafiado pelo tipo de organização da informação dentro do enunciado, que se configura principalmente de tipo pragmático-informacional. Por outro lado, as relações de dependência sintática verdadeiras observadas para além das fronteiras da UI, e até do enunciado, desafiam os pressupostos de localidade da sintaxe da L-Act, requerendo aprofundamentos futuros.

Referências

- ANTHONY, L. **AntConc**. Versão 3.4.3. Tokyo, Japan: Waseda University, 2014. Disponível em <<http://www.laurenceanthony.net/>>. Acesso em 12 jul. 2018.
- AUSTIN, L.J. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BOSSAGLIA, Giulia. Interface entre sintaxe e articulação informacional na fala espontânea: uma comparação baseada em corpus entre português e italiano. **Caligrama**, v. 19, p. 35-60, 2014.
- _____. Orientação pragmática da sintaxe na fala: uma análise corpus-based da subordinação completiva e adverbial no português do Brasil. **Domínios de Lingu@gem**, v. 9, n. 5, p. 309-335, 2015.
- _____; MELLO; RASO, T. Prosody, syntax, and pragmatics: insubordination in spoken Brazilian Portuguese. In: STIL Brazilian Symposium in Information and Human Language Technology and Collocated Events, 11., 2017, Uberlândia. **Proceedings...**, Uberlândia: 2017. p. 256-265.
- _____; _____. Illocution as a unit of reference for spoken language. Data on Brazilian Portuguese adverbial clauses. In: IZRE'EL, Sh.; MELLO, H.; PANUNZI, P.; RASO, T. (Eds.) **Search for a Reference Unit of Spontaneous Speech**. Amsterdam Philadelphia John Benjamins. No prelo.
- CAVALCANTE, F. A. **The topic unit in spontaneous American English: a corpus-based study**. 2015. 184f. Dissertação (Mestrado em Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- _____; RAMOS, A. C. The American English spontaneous speech minicorpus: architecture and comparability. **CHIMERA: Romance Corpora and Linguistic Studies**, v. 3, n. 2, p. 99-124, 2016.
- CARTER, R.; MCCARTHY, M. **Cambridge Grammar of English: A Comprehensive Guide**. Spoken and Written English Grammar and Usage. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 973p.
- CHAFE, W. How people use adverbial clauses. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 10., 1984, California. **Proceedings...** California: Berkeley Linguistics Society, 1984. p. 437-449.
- CRESTI, E. **Corpus di italiano parlato**. Firenze: Accademia della Crusca, 2000.
- _____. Syntactic properties of spontaneous speech in the Language into Act Theory. In: RASO, T.; MELLO, H. (Ed.). **Spoken Corpora and Linguistic Studies**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 365-410.
- _____; MONEGLIA, M. **C-ORAL-ROM: Integrated reference corpora for spoken romance languages**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. 303p.

DU BOIS, J.W.; CHAFE, W.L.; MEYER, C.; THOMPSON, S.A.; ENGLEBRETSON, R.; MARTEY, N. **Santa Barbara corpus of spoken American English**. Parts 1-4. Philadelphia: Linguistic Data Consortium, 2000-2005. Disponível em <<http://www.linguistics.ucsb.edu/research/santa-barbara-corpus>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

MARTIN, P. **Winpitch10**, versão 1.00. Pitch Instruments. 2010. Disponível em: <<http://www.winpitch.com/>>. Acesso em: 12 jul. 2018.

MELLO, H.; RASO, T. Illocution, Modality, Attitude: different names for different categories. In: MELLO, H.; PANUNZI, A.; RASO, T. **Pragmatics and Prosody: Illocution, Modality, Attitude, Information, Patterning and Speech Annotation**. Firenze: Firenze University Press, 2011. p. 1-18.

MITTMANN, M. M. **O C-ORAL-BRASIL e o estudo da fala informal: um novo olhar sobre o tópico no Português do Brasil**. 2012. 248f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1843/LETR-97YMKT>>. Acesso em 12 jul. 2018.

MONEGLIA, M. I corpora dell'italiano parlato di LABLITA: criteri di costituzione, unità di analisi e comparabilità dei dati linguistici orali. In: BURR, E. (Ed.). **Il parlato: teoria - corpora - linguistica dei corpora**. Atti del VI convegno SILFI. Duisburg, 2005. p. 213-232.

_____; RASO, T. Notes on Language into Act Theory (L-Act). In: RASO, T.; MELLO, H. (Ed.). **Spoken corpora and linguistic studies**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 468-494.

PANUNZI, A.; MITTMANN, M. M. The IPIC resource and a cross-linguistic analysis of information structure. In: RASO, T.; MELLO, H. (Ed.). **Spoken Corpora and Linguistic Studies**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 129-150.

PAWLEY, A.; SYDER, F. Two puzzles for linguistic theory. In: RICHARDS, J. C.; SCHMIDT, R. W. (Ed.). **Language and communication**. London: Longman, 1983. p. 191-227.

RASO, T. O C-ORAL-BRASIL e a Teoria da Língua em Ato. In: RASO, T.; MELLO, H. (Ed.). **C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2012. p. 91-123.

_____; MELLO, H. **C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 1v.

ROCHA, B.; RASO, T. O pronome lembrete e a Teoria da Língua em Ato: uma análise baseada em corpora. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 39-59, 2013. Disponível em: <<https://veredas.ufjf.emnuvens.com.br/veredas.ufjf.emnuvens.com.br/veredas/article/view/108>>. Acesso em 18 ago. 2018.

THOMPSON, S. A. 'Object complements' and Conversation: Towards a Realistic Account. In: COMRIE, B.; KÖNIG, E. (Eds.). **Studies in Language**. International Journal sponsored by the Foundation "Foundations of Language". Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2002. v. 26, n. 1, p. 125-164.